



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

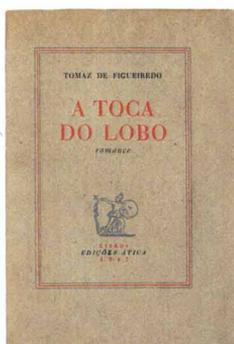
Tomaz de Figueiredo: A Toca do Lobo (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"Tomaz de Figueiredo: A Toca do Lobo (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 104.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

lidade, bem vistas as coisas, partilham de facto algo que as funda (mesmo se seja isso mesmo que se ocupam em negar, *et pour cause*): a solidão. A sucessão dos meses e dos anos, que passa pelo terreno neutro do lugar de pretensão convívio que a sala de jantar parece ser, é dada fisicamente (e concretamente) pelos calendários pendurados na parede, pela sua sucessão menor, a sua caricatura de uma vida que acaba por ser a «farsa» de uma vida que, toda ela, cabe dentro dos apertados limites do «desterro» ou do «exílio» — e que se agarra, pois, como sem sentido, às banalidades que pontuam os dias, a sucessão dos dias. Que família de escritores, poderíamos perguntar, passa por aqui, por estas malhas laterais de um espaço a que Tomaz de Figueiredo chamou, precisamente, «vida de cão»? Várias poderiam elas ser, e aparentemente não coincidentes (o que aliás só atesta das diferenças internas que pulsionam o universo efabulatório e até discursivo, como veremos, do autor). Mas gostaria desde já de evocar famílias como a que de Raul Brandão desce, com o seu sentido farsesco e trágico a que se associa uma notação sensorial e explosiva de uma realidade que atinge corporalmente o sujeito, tornando visíveis e manifestas, nele, formas de angústia existencial inescapáveis. Mas, e num outro ângulo — a partir do qual todavia não será muito difícil entender os potenciais



lugares de convergência —, também escritores como Irene Lisboa, Ruben A. ou Maria Judite de Carvalho: na notação precisa e aparentemente lisa (daquela lisura que faz pressupor a tempestade) de um quotidiano em tom menor, sem nada que se saliente e simultaneamente ele mesmo salientável, em sobressaltos, por isso mesmo.

Dessa matéria são feitas então as casas: do estofado de um exílio interior que se reconhece na diferença face a outras formas de vida potenciais, que por vezes (mas sempre à distância, em Figueiredo) são evocadas na sua própria lonjura. É o caso, precisamente, da novela «Futura Ossada Burguesa!» (que ecoa a distância face a tempos existenciais intensos como os que o romance *A Toca do Lobo* também evocara): a história longínqua de uma sabotagem levada a cabo, na Bélgica, pela população mineira de uma aldeia, lutando em peso e espontânea unanimidade contra o invasor alemão — e, por oposição relativamente a esses homens sem nome (conhecidos pelas designações afectivas e próximas de *Furão*, *Cabeça de Cenoura*, ou *Burgomestre*), capazes de arriscar a sua vida e a sua sobrevivência, a inevitável «futura ossada burguesa» do narrador, o que ouve a história e a reproduz — mas justamente também não a vive — e é portanto assimilável à figura, explicitamente referida no conto «32 Dentes ou O Senhor Doutor», do «observador solitário», aquele cuja posição é ao mesmo tempo dentro e fora — não tão dentro que possa participar e viver (no sentido mais forte do termo), não tão fora que possa achar que nada lhe diz respeito. Fora e dentro, que quer dizer: nem fora, nem dentro.

Aparentemente, pois, existe neste conjunto de novelas uma questão que sobreleva e entretece, como em rede, a matéria efabulatória que todas depois